

INÉDITOS DE ESCRITORES PORTUGUESES

JOÃO PENHA

ALEXANDRE HERCULANO COMPROU A
QUINTA DE VAL-DE-LOBOS OU RECE-
BEU-A DA MUNIFICENCIA DE D. PEDRO V?

Quando em 1910 decorreu o centenário do nascimento de Alexandre Herculano um grupo de Estudantes da Universidade de Coimbra intentou comemorar êsse facto, entre outras manifestações, com a publicação dum *In Memoriam*.

Com destino a êsse livro, que não chegou a ser publicado, nem mesmo a ter uma organização definitiva, escreveu o famoso Poeta das *Rimas*, *Novas Rimas*, *Ultimas Rimas*, um interessante artigo, cheio de nervosidade e com a frágil base, segundo ao tempo presumimos, e é ainda hoje nossa convicção, num equívoco—qual era o de supôr—que o glorioso autor da *História de Portugal* e de tantos estudos de profundidade e saber havia recebido a *Quinta de Val-de-Lobos* da generosidade do Monarca D. Pedro v. João Penha ouvira *sempre* afirmar essa atoarda e tinha-a como a rigorosa expressão da verdade. Daí proveio, para discretear sôbre alguma cousa de novo, o artigo enviado de Braga com destino ao *In Memoriam*. Quis prevenir João Penha da situação desairosa em que me parecia que êle ficava, dado que as suas considerações acrimoniosas e injustas deixavam de ter razão, uma vêz que houvesse sido Herculano quem do seu bolsinho, à custa

das suas economias, tivesse comprado a Quinta, seu entretenimento e seu lugar de descanso e de repouso nos últimos anos da vida. O lance era delicado. Como receberia o ironista, de tam requintada sensibilidade artística, velho boémio doutras eras, agora doente, pobre, de mal com a vida e com os homens, as considerações dum estranho ao círculo dos seus amigos, tam raros e tam dispersos?

Por outro lado, deixar sair o artigo de João Penha, sem o prevenir do possível desaire dum ataque justificado, doía-me a consciência. Hesitante, acabei contudo por lhe dirigir com a nota de *confidencial* a seguinte Carta:

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Snr.

14-IV-1910.

Pediram-me os organisadores da homenagem a A. Herculano que lhes revisse as provas para o livro «In Memoriam». V. Ex.^a me desculpará de lhe vir chamar a atenção para o seu artigo que se funda, parece-me, num equívoco — o de ter sido D. Pedro v quem comprou e ofereceu a Herculano a Quinta de Val de Lobos. Sempre li que foi o grande historiador que a pagou do seu bolsinho e há mesmo, presumo, qualquer afirmação dêle nêsse sentido. Impossível me é verificar agora o facto, que reputo exactíssimo e o *deveria sêr*, dada a psicologia das personagens que nêle figuram. Possível é porém que V. Ex.^a alicerçasse o seu artigo em qualquer documento inédito ou por mim ignorado, o que muito bem pôde dar-se.

O que eu quero que V. Ex.^a creia é que, procedendo assim, fui movido unicamente pelo desejo de evitar a divulgação dum juízo menos exacto (penso eu) sôbre figuras tam simpáticas e tam amigas como foram e sam as de Pedro v e Herculano e esse juízo firmado pelo nome que há tanto a minha admiração estima e venera — como é o de V. Ex.^a

MENDES DOS REMÉDIOS.

Era, como se vê, um aviso cauteloso feito com a reserva, que se impunha, tratando-se duma criatura como João Penha, fácilmente irritável. Poderia também acontecer, como eu aventava em hipótese, aliás pouco crível, que o Poeta tivesse documento certo ou testemunho provado de que, com efeito, fôra o Monarca D. Pedro v, que tanto estimava o trato com o Historiador, o qual lhe retribuía, como é sabido, com reco-

nhecimento inexcédível, do que ficou brilhante prova entre outras no *Prefácio* da 3.^a ed. da *História de Portugal*, quem presenteara o amigo com o eremiterio a que êle ciosamente se recolhera até os últimos instantes da vida ⁽¹⁾. Mas não. Penha escudava-se com a presumível autoridade de Bulhão Pato que, aliás, não podia apresentar. Fundava-se num «ouvi dizer» e nada mais, como se vê das duas cartas, que a seguir publicamos:

I.^a

Braga, 15-IV-10.

Ex.^{mo} Sr. Mendes dos Remedios

Acabo de receber a carta de V. Ex.^a a qual de veras me surpreendeu, porque sempre ouvi dizer, constantemente, que a quinta de Valle de Lobos, que pertencia á Casa de Bragança, D. Pedro 5.^o a dera ao A. Herculano. Onde teria este, apenas remediado de fortuna, os dinheiros necessarios (contos de reis) para a comprar?

Quem poderia elucidar o caso seria Bulhão Pato, mas li nos jornais que elle adoecera, e por isso não ousou escrever-lhe. Nestas circunstâncias, o melhor será que o artigo não sáhia, com o que ninguém perderá.

Agradecendo a V. Ex.^a a deferencia das suas observações, subscrevo-me com a mais alta consideração,

De V. Ex.^a m.^{to} Att. e ob.^o

JOÃO PENHA

P. S.

Talvez uma pequena nota, logo a seguir ao artigo, salvasse a situação.

Assim:

«O que affirmo n'estas linhas, com referencia á doação da quinta de Valle de Lobos, funda-se apenas na tradição, isto é, no que sempre ouvi dizer a esse respeito, sem rumor em contrario.

Pode, porem, ser que o facto não seja verdadeiro, e nessa hypothese, tenha-se por phantasia o que escrevi como origem da aquisição, real ou de invenção.

(1) Cfr. a *Carta a Monsenhor Pinto de Campos* no t. 1.^o das *Cartas*, pg. 196.

Nas consequencias é que nada haverá a alterar,
segundo o meu modo de ver.»

P.

Que parece a V. Ex.^a? Resolva V. Ex.^a o caso.

PENHA.

2.^a

B. 16-IV-10.

Ex.^{mo} Sr. Mendes dos Remédios

Relendo a carta de V. Ex.^a pareceu-me ver que V. Ex.^a achava desairosa, pelo menos para Herculano, a doação que, como sempre ouvi dizer, Pedro 5.^o lhe fizera.

Se eu assim o julgasse, ou se entendesse que alguém o poderia julgar, de certo que a ella me não referiria.

Mas, não julgo: da parte do doador o facto o elevaria ainda mais no alto conceito em que é tido: seria uma doação remuneratoria dos grandes serviços prestados pelo donatario não só á patria, mas tambem a elle proprio doador.

Não só na historia do nosso pais, mas tambem na de todos os povos civilizados, se vêem doações desse genero, muito mais amplas, muitissimo mais importantes, feitas por grandes principes a personagens das mais elevadas dos seus respectivos paises, e para esses personagens, mais ou menos historicos, essas doações representavam (alem do proveito) uma grande honra.

V. Ex.^a tem lido a historia: viu uma unica vez que esses felizes donatarios fossem censurados por aceitarem tais doações? Não. Herculano, acceitando o que D. Pedro lhe fez, se é que lho fez, tambem o não seria, e até se a recusasse, da parte d'aquelle principe de quem era tão amigo, praticaria um acto de descortezia, que elle decerto lhe não perdoaria.

Descendo agora ao meu pequeno artigo insisto que o melhor será que elle não sáhia, a fim de se evitarem questões, questões que, se suscitassem, me fariam sahir logo a campo, em defesa dos dous, e da minha propria pessoa.

Com a mais alta consideração assigno-me

De V. Ex.^a m.^{to} att. e obrg.

J. PENHA.

Entretanto ia eu averiguando do fundamento da minha convicção e como e logo que a obtive comuniquiei-a ao meu illustre contraditor nestes termos :

19-IV-1910

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr.

Não pode haver duvidas sobre a aquisição da Quinta de Val de Lobos. Foi o próprio Herculano quem a comprou e pagou. Leia V. Ex.^a este trecho d'uma carta do illustre historiador para o seu amigo Fontana em que se refere aos seus editores Bertrands ... «nunca houve condições. Elles imprimiam os volumes que queriam e davam-me o que entendiam... Passei annos e annos sem ver contas. ... Apurámo-las uma vez **quando comprei** Val-de-Lobos e trouxe de lá quatro contos de réis. Depois continuámos na mesma...» Disto tinha eu reminescência que agora, nas buscas que fiz na Biblioteca, vi ser inteiramente fundada. V. Ex.^a dirá agora se quer que o artigo saia com a nota que enviou, ou se prefere remodelá-lo, ou substitui-lo. Excuso de accentuar que o assunto é para mim e continuará a ser *confidencial*.

Escrevi porque prezava e prézo o nome do glorioso Poeta — João Penha, e não queria vê-lo a subscrever uma inexactidão.

Com a maior consideração

MENDES DOS REMÉDIOS.

A carta era, reconheço-o, um pouco atrevida, quando falava na modificação ou substituição do artigo. Mas que fazer se a verdade estava patente e era incontraditável? Penha respondeu-me então com esta carta, que decidia a questão, pois seria impertinência indesculpável o prolongá-la:

B. 20-IV-10

Ex.^{mo} Sr. Mendes dos Remedios

Se A. Herculano, quando recebeu os 4 contos a que elle se refere, já tinha adquirido a quinta de Valle de Lobos, d'onde lhe adviriam os 20 contos ou mais que essa quinta vale?

Não lhe daria essa importância D. Pedro 5.^o para tal fim?

Como é que, se assim não fosse, se espalhou logo (e andava eu n'essa cidade) esse facto?

Um rumor em contrario?

Invental-o-hia eu?

Hei de saber a verdade, mas não agora, visto o Bulhão Pato, amigo intimo do Herculano, estar doente na Caparica, e doente (hé! hé!) com mais de 82 annos!

Quanto ao meu artigo, não deve sahir, porque na hypothese de que a doação, quer directa, quer indirecta, não fosse real, esse artigo seria uma extravagancia até inconveniente.

Quanto a fazer outro, ou a emendar o que fiz, recuso-me. Quando ouço falar n'um centenario fico logo a tremer.

Só para este recebi quatro convites um da Academia Real das Sciencias, outro da Associação dos Advogados de Lisboa, outro da Academia dahi e outro da de cá.

Satisfiz a dois e fiquei esgotado e o que fiz foi contra vontade: tudo o que não é espontaneo não presta.

Agradecendo a V. Ex.^a as benevolas observações, subscrevo-me com a maior consideração

De V. Ex.^a Amigo m.^{to} att. e Obrig.

J. PENHA.

Eis agora o artigo de João Penha, que motivara esta amistosa *tempestade*:

O CRIME

No relatorio dos crimes, mais ou menos authenticos, praticados pelos nossos reis, absolutos ou constitucionaes, que os adversarios do actual regimen lançam ás faces dos que o defendem, não tenho visto um, talvez o mais grave de todos: o da doação da quinta de Val de Lobos, feita por D. Pedro v a Alexandre Herculano; e comtudo essa doação foi um verdadeiro assassinio, praticado talvez inconscientemente por aquelle, para muitos, saudoso monarcha, não por-

que destruisse o homem, que até melhorou de saúde, mas porque aniquilou o Sabio, o historiador, o romancista, o poeta, transformando-o em agricultor.

O progenitor d'esse admiravel romance da psychologia d'uma alma d'outras eras, com um fundo historico: o da invasão dos sarracenos na peninsula hispanica, o *Eurico*, acabou por productor d'azeite!

Ceci tuera cela: a agricultura é absorvente. Traíçoeira e insensivelmente se vae inoculando no espirito d'aquelle que, como um deus, criava obras d'arte: poemas, romances, estatuas, cathedraes. A sua ideal actividade procreadora vae esmorecendo pouco a pouco, e embora o infeliz, por vezes, tente reagir contra a nova ordem de cousas do seu intellecto, que o arrasta para um abysmo que desconhecia, já não póde resistir á attracção, e até com voluptuosidade se deixa enlaçar pelos numerosos tentaculos do monstro: a agricultura.

Sempre, todos esses altos espiritos de selecção, tiveram uma accentuada tendencia para a vida dos campos, que amavam, vida tranquilla, de sonho, longe do bulicio e do prosaismo das cidades.

«*O rus, quando ego te aspiciam!*» diria Virgilio.

Mas, uma cousa é para o artista o viver nos campos, meio tão favoravel para a fecundação das suas obras geniaes; outra cousa é viver para os campos. Logo que esta desventura lhe succede; logo que, como Cincinnato, empunha a rabiça do arado, sulca a terra, semêa e colhe, morreu para a arte: morreu o artista, e das suas cinzas não resurgiu uma phenix, mas um lavrador.

Tudo isto succedeu com Alexandre Herculano. Tendo passado mais de metade da sua existencia na Torre do Tombo, em bibliotecas, e no seu gabinete de trabalho, cercado de codices vetustos, quando, pelo crime de D. Pedro v, se viu em meio de campos, cercado de montes, em terra sua, como que lhe cahiu uma venda dos olhos: pareceu-lhe aquillo uma revelação para uma vida nova, mais feliz, melhor que a outra.

Estava perdido! Já meio enlaçado pelo monstro, teve um dia como que um remorso, uma saudade dos tempos idos, mas em breve desanimou. Tentara traduzir a *Jerusalem libertada* de Tasso, mas não passou a segunda estrophe, e ainda bem!

Em
é mais
viveram
que se
ração.
aproxim

N'a
sava a
dos gr
assenta
todos

A
trahir-
Eurico
não só
Notre
de Ma
lham
taja p
bellez

E
men
narra
histo
d'aqu

mas
cesa,
reco
mall
vêe
mas
pen

His
Por
ele
con
e u
a
fic

Embora a obra que nos deixou não seja muito volumosa, é mais que sufficiente para o collocar acima de todos os que viveram no seu tempo. É uma figura em que ha o quer que seja de solemne, que nos enche de respeito e de admiração. Olhando em roda de nós, nada vemos que se lhe aproxime.

N'aquelle tempo, a evolução do romantismo, que rechasava as velhas regras classicas dos gregos e romanos, e que dos gregos e romanos passava a todas as nações cultas, onde assentava arraiaes, alastrava por toda a parte, avassalava todos os espiritos.

A esta mysteriosa influencia não poude, nem quiz subtrahir-se Herculano, e os seus dous romances históricos: *Eurico*, e o *Monge de Cistér*, são modelos do género, que não só podem comparar-se ao *Ivanhoë*, de Walter Scott, á *Notre Dame de Paris*, de V. Hugo, e ao *I promessi sposi*, de Manzoni, essas trez grandes obras primas de que se orgulham a Inglaterra, a França e a Italia, mas até se lhes avanta pela pintura rigorosa dos costumes, e, sobretudo pela belleza marmórea do estylo.

Essas mesmas qualidades, e por vezes, um tom levemente ironico, se encontram nos dous volumes: *Lendas e narrativas*, que, apesar de não conterem senão contos, uns historicos, outros de pura phantasia, em nada desmerecem d'aquellas duas obras capitaes.

Na *Harpa do crente*, Herculano seguiu a mesma escola, mas n'esse seu romantismo influio mais que a poesia franceza, a alemã, Wieland, sobretudo, de quem até, se bem me recordo, traduziu algumas composições. No verso é pouco malleavel, um pouco hirto, e se por vezes chora, não se lhe vêem as lagrimas: não é, como agora se diz, um commovido, mas pela sua poderosa força genial, commove, subjuga, faz pensar, e é n'isso que consiste a arte.

Nos seus livros historicos: *Historia de Portugal*, e *Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal*, este grande escriptor poz totalmente de parte o elemento romantico: ahi não se vê senão um profundo conhecimento das origens, uma pintura exacta dos costumes, e um estudo syntetico das ideas que dominavam nas epocas, a que se refere, e que influiram nos acontecimentos, que ficavam na historia.



Seguiu assim um methodo desconhecido entre nós, que [fôra] adoptado ou inventado ainda não havia muito por Macaulay na *Historia de Inglaterra desde Jacques II*, e por S. Thyerry na *Histoire de la Conquête de l'Angleterre par les Normands*.

Ahi mesmo, porém, Herçulano não é apenas um simples philosopho, um historiador sêcco e methodico: é também um consciencioso colorista, d'um estylo opulento, naturalmente musical, inconfundivel com o de outro escriptor qualquer, nacional ou estrangeiro.

E esse maravilhoso monumento: *Historia de Portugal*, como o *Bobo*, não terão algum defeito?

Têm, irreparavel: o de terem ficado incompletos.

Pedro v, o teu crime não tem perdão!

3-III-1910.

JOÃO PENHA.